

Revista .doc

ISSN 1982-8802



Ano XIII

nº 8

Junho 2013

.doc
URGENTE
Em tempos de vinagre

Editor

Eduardo Guerreiro B. Losso

Conselho Editorial

Prof. Eduardo Guerreiro B. Losso - UFRRJ, Rio de Janeiro

Prof. Alberto Pucheu - UFRJ, Rio de Janeiro

Prof. André Rangel Rios - UERJ, Rio de Janeiro

Prof. Fabio Akcelrud Durão - UNICAMP, São Paulo

Prof. João Camillo Penna - UFRJ, Rio de Janeiro

Prof. Luiz Fernando Medeiros de Carvalho - UNINCOR, Minas Gerais

Prof. Vera Lins - UFRJ, Rio de Janeiro

Prof. André Luiz Pinto - UERJ, Rio de Janeiro

Sumário

Reflexões, relatos, pontos de vista

As manifestações, os debates e a matéria comigo na Folha (30/06/13)

A espantosa invasão da Federação Anarquista Gaúcha em Porto Alegre (03/07/13)

Claudio Willer 3

Movimento Ensaio Livre: dentro e fora da rua

Eduardo Guerreiro B. Losso 7

1- Rua e rede: eficiência da guerrilha pacífica (18/06/13)

2- Afetos e devoções (18/06/13)

3- Cultura de esquerda e falsa alternativa: fascistas e partidos (23/06/13)

4- Da crítica ao sistema ao exame de si mesmo (14/07/13)

Tateando na neblina (26/06/13)

Leonardo Davino de Oliveira 22

Obscena alegria (25/06/13)

Luiz Guilherme Barbosa 26

O futebol é do povo (23/06/13)

Fim do pão e circo (26/06/13)

Renato Rezende 28

Uma voz em tempos nebulosos (27/06/13)

Daniel Teixeira 32

As manifestações, os debates e a matéria comigo na Folha

Claudio Willer

Poeta, ensaísta e tradutor

Fui dormir especialista em poetas malditos (a palestra de ontem em Diadema) e acordei ícone da contracultura (hoje na Folha de SP). Pode ser. Dinossauro, nem tanto, pois não estou extinto.

Está em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1303571-acao-contra-poder-e-tradicao-anarquista-diz-icone-da-contracultura.shtml>

São resumos – matéria de Morris Kachani enfrentou a dificuldade de resumir sessão de duas horas, somando o que expus, mais o que Edson Passetti observou, o debate e o que conversamos depois.

Sessão foi gravada pela TV PUC e pelo NuSoL – teremos disponível na íntegra, acho. Havia anunciado: <http://claudiowiller.wordpress.com/2013/06/25/conversacao-com-claudio-willer-beats-anarquistas-e-os-jovens-em-movimento-desta-vez-na-puc/>

Vou detalhar alguns tópicos neste blog. Assunto não falta.

Alguma coisa, já.

Criaturas que devoram o criador. O paralelo com a Revolução Francesa é precário, evidentemente. Exaurida pela Guerra dos Sete Anos (1756-1763 – contra a Inglaterra, perderam, tiveram que sair do Canadá), a França enfrentava uma crise econômica agravada por problemas climáticos e más colheitas e pela recusa da monarquia a reduzir seus gastos. Luís 16 pagou a conta dos erros e megalomania de Luís 15. Mas a convocação de uma assembleia, os Estados Gerais, em maio de 1789, mostrou-se um tiro pela culatra, ou no pé: foi seguida pela Queda da Bastilha a 14 de julho e pela deposição da monarquia em 1791. Aqui, a resposta governamental, apresentando uma proposta de reforma política, assim como as iniciativas parlamentares, pulverizando instantaneamente a sinistra PEC 37 e classificando corrupção como “crime hediondo”, reduzem, em vez de recuperar a credibilidade. Deixam no ar esta pergunta: onde se encontravam e o que estavam fazendo até agora? Daí os números da pesquisa de opinião publicada hoje na Folha de SP.

Quero ver mais pesquisas: avaliações do Congresso, de governos estaduais e administrações municipais. Provavelmente, darão amanhã. Confirmarão, suponho, o que já vinha observando sobre crise da representação. Vai ser meu tema na próxima postagem, na qual também criticarei o apartidarismo proclamado pelo MPL: se é para haver democracia direta, então tem que ser antipartidarismo mesmo.

Mas, desde já, a questão cultural. Todas as grandes mobilizações de protesto, desde a Revolução Francesa, expressão do Iluminismo e da crítica filosófica do século 18, até a contracultura, tiveram relação com movimentos literários e artísticos, e com a produção de ideias. O que postei aqui sobre Rimbaud e a Comuna não é detalhe, porém exemplo. Nas pró-diretas e nas anti-Collor, políticas culturais públicas foram um tema forte. Desta vez, há o risco de cortarem verbas das secretarias de cultura para melhorar transportes e outros serviços. Mais e melhores bibliotecas, centros culturais em funcionamento, menos desperdício com eventos festivos: temas para agregar à pauta das reivindicações.

Quer dizer que, neste momento, adeptos da Rede de Marina Silva colhem assinaturas na Marcha para Jesus, lado a lado com Marco Feliciano? Bah. Pfui. Quero distância, muita distância de quem chegar perto de Silas Malafaia e demagogos afins. Conheço gente boa, ambientalistas consistentes, ligados à formação desse novo partido. Onde enfiarão a cara?

Do blog do Claudio Willer: <http://claudiowiller.wordpress.com/2013/06/29/as-manifestacoes-os-debates-e-a-materia-comigo-na-folha/>

A espantosa invasão da Federação Anarquista Gaúcha em Porto Alegre

Claudio Willer

Poeta, ensaísta e tradutor

Polícia – civil e brigada militar, a PM de lá – entrou sem mandado a 20 de julho. Houve apreensão dos livros da sua biblioteca. “Material inflamável”, também: o botijão de gás usado na preparação do chimarrão. Vi na Folha de domingo e achei algo pelo Google – link com a manifestação dos anarquistas aqui, ao final.

Deveria repercutir mais, virar escândalo. Episódio traz péssimas lembranças. Estilo 1973, por aí. Será conveniente esconder livros de anarquismo ou desfazer-se deles, assim como muitos desapareceram com livros marxistas ou soviéticos no pós-1964? Amiga minha enterrou seu Plekhanov no jardim. Um episódio emblemático relatado por Boris Schnaiderman: levaram-no ao DOI-CODI e perguntaram-lhe sobre os autores russos em sua biblioteca (publicamos relato em 1979 na Singular e Plural). Houve também uma apreensão famosa de Sófocles como subversivo. Esse pessoal da polícia gaúcha quer chegar lá – se possível, ultrapassar. E também o governador, que endossou integralmente.

O que deu em Tarso Genro? Veio a público, acusou anarquistas de conspiração internacional. Um ex-dirigente do Partido Revolucionário Comunista, ex-ministro da Justiça, um legalista dentro do PT. Virou o fio ou continua o mesmo?

A seguir, links das matérias na Zero Hora – cometendo erro jornalístico ao não darem o outro lado, a versão dos invadidos. Vejam esta: “interceptações feitas por autoridades policiais indicam que grupos de anarquistas internacionais estão orientando os líderes do movimento em Porto Alegre a adotar táticas de guerrilha”. Interceptações – não é só o Obama que faz espionagem. Sempre enxergam conspirações. Farsas como essas foram especialidade nazista e de outros totalitarismos. Durante o regime militar, o que desagradava aos agentes da repressão era atribuído a um tal de MSI, Movimento Comunista Internacional– sei do que falo, tive ocasião de ler relatórios de censores e escrever a respeito

Notícia deveria ser assim: "Polícia gaúcha assina certificado. Atesta validade do anarquismo." E, evidentemente, declara a falência de partidos e lideranças que outrora, ou até há pouco, eram de esquerda.

Bouvard e Pécuchet, os dois personagens de Flaubert que citei na postagem anterior, retomam seu trabalho (Flaubert morreu antes de terminar inventário das "idéias recebidas"). Anotam: "anarquismo é conspiração internacional"; "anarquistas são vândalos, baderneiros de classe média".

Na próxima vez em que for a Porto Alegre, visitarei a Federação Anarquista. Doarei exemplar de Geração Beat à biblioteca, o Ateneu Libertário A Batalha da Várzea.

O relato do que houve:

<http://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2013/06/24/o-enredo-de-uma-farsa-a-tentativa-de-criminalizacao-da-federacao-anarquista-gaucha/>

As matérias da Zero Hora (pesquisa de Célia Musili – comentário dela, acertado: "segundo o governo do RS, grupos internacionais estariam orientando os anarquistas de Porto Alegre a "cortar tonéis de plástico para servir de escudo", entre outras coisas. Ridículo demais, desde quando precisa ação internacional pra fazer escudo de plástico?"):

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/06/tarso-avalia-que-minoria-fascista-dominou-as-manifestacoes-de-rua-4177563.html>

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2013/06/violencia-em-protestos-no-rio-grande-do-sul-preocupa-o-palacio-piratini-4175283.html>

Do blog do Claudio Willer: <http://claudiowiller.wordpress.com/2013/07/02/a-espantosa-invasao-da-federacao-anarquista-gaucha-em-porto-alegre/>

Movimento Ensaio Livre: dentro e fora da rua

Eduardo Guerreiro B. Losso
prof. de Teoria da Literatura da UFRRJ

1- Rua e rede: eficiência da guerrilha pacífica

Faz tempo o Brasil poderoso, de PIB estratosférico, bom para políticos e empresários bem sucedidos, não redundando em melhorias das condições de vida, ao contrário, há vários sinais de piora, ou de medidas paliativas precárias. A continuidade entre o cinismo do poder e a indolência da massa leva à maioria ao pessimismo diante de sua própria sociedade. O sucesso econômico do Brasil e os tímidos avanços sociais do governo Lula contrastam com a precariedade dos serviços públicos, a insegurança e o descaso com direitos mínimos. O sujeito oprimido (que não é só pobre nem classe C) é cada vez mais levado à descrença por tudo e todos, em especial os políticos, e ao individualismo forçado.

Entretanto, surge agora motivo para uma verdadeira mudança da disposição afetiva, com mensagens e gritos como “#OGiganteAcordou”, “#UmFilhoTeuNãoFogeALUTA”.

As manifestações dos últimos dias já tinham sido antecipadas por várias outras: o repúdio à demolição da Aldeia Maracanã, protestos contra a corrupção, com direito a abusos da violência policial e omissão dos órgãos mais representativos da mídia. O que aparece de novo, nesse momento, é um reforço inédito do Movimento Passe Livre, que existe desde 2005, e a série de belíssimas atuações que já eram internacionais, desde 2003, e foram se fortalecendo em âmbito nacional dos Anonymous. Por sua vez, tais manifestações, no Brasil, obtiveram uma projeção nacional e internacional gigantesca e, principalmente, uma renovação do orgulho cívico de ser protagonista do protesto, em especial, diante do perigo intimidante da repressão policial.

Tudo o que há de exploração, descaso e corrupção vindo do poder se cristaliza com absoluta evidência nas medidas repressivas do governo federal e estadual. Já há algumas abordagens dessa insurreição do espírito de protesto popular, a maioria por parte de formadores de opinião reacionários, que oferecem o suporte ideológico retrógrado para propagar toda sorte de distorções, desvios e mentiras próprios de quem defende interesses dominantes, cujo resultado mais decepcionante apareceu nos deploráveis argumentos de Arnaldo Jabor antes do pedido de desculpas. Seu

argumento principal desclassificava o direito de indignação dos manifestantes por se tratarem de jovens de classe média e os policiais serem oriundos das classes mais oprimidas – típica, covarde e, francamente, mal-intencionada estratégia populista para jogar a genuína consciência política dos estudantes, que tiveram oportunidade de sustentar o posicionamento crítico, contra a população que ficou de fora do privilégio da educação. Vale ressaltar que abordagens de qualidade estão aparecendo, em especial uma leitura crítica do sentido totalitário do desconforto dos transportes públicos, feita por Márcia Tiburi, outra por Vladimir Safatle, uma apreciação da atmosfera geral de Alberto Pucheu e uma síntese dos aspectos políticos, conhecidos e desconhecidos, de Luiz Eduardo Soares.

O que pretendo introduzir é uma espécie de foco que atenta, precisamente, para os aspectos concretos da novidade, cuja serventia será a de me aproximar mais de seu refrigério e vitalidade político-social, mantendo, evidentemente, o respeito por seu caráter inapreensível, reiterado por Soares. Por isso, minha posição é pendular, pois toma distância teórica para não se confundir com a imediatidade da situação e, ao mesmo tempo, quer contribuir e participar do protesto justamente a partir da potencialidade que o distanciamento proporciona.

A grande qualidade dos movimentos que iniciaram e conduzem a maior parte dos manifestantes é o cuidado de não só não usar de violência, mas não responder à truculência policial. A principal mensagem que os integrantes de Istambul deram aos daqui foi nessa direção, o que configura um estilo global eficiente para formas de passeata no século XXI. O palco da rua está todo direcionado para os espectadores mundiais via redes sociais. Todo tipo de abuso da polícia é respondido com gestos ostensivamente pacíficos, gritos de “sem violência” – verdadeira Marselhesa abreviada do movimento –, portando sempre a sua maior arma: as câmeras dos celulares. As instruções de páginas promotoras do movimento explicam detalhadamente formas de se proteger do gás lacrimogêneo, movimentar-se diante da confusão e cobrir o lance com vídeos e fotos, combinando técnicas de guerrilha pacífica, sempre defensivas, com técnicas jornalísticas. Em reação a isso, houve um boato de que os policiais, em manifestações do Rio e de São Paulo, revistaram transeuntes ao redor do local e apreenderam os celulares. Se for verdade, expõe com clareza o tipo de antagonismo que se instaurou entre pacifistas treinados e polícia militar, que, com isso, não hesita em escancarar a sua origem e tradição ditatorial.

A excelência moral do movimento se fortalece com a adesão da opinião pública, motiva sua presença na internet, que obriga à presença na mídia e, quando isso não

ocorre, desponta sua descarada omissão, como ocorreu mais explicitamente com a Rede Globo, que no último Fantástico do dia 16/06/2013 pouco falou dos conflitos e evitou tocar na repressão policial. Depois, ao cobrir a passeata da segunda (17/06/2013), embora tenha deixado claro que os manifestantes violentos concentrados na ALERJ eram minoria, em torno de 50, e a multidão somava 100 mil (fora da mídia dizem ser 200 mil), a maior parte da notícia estava concentrada na ALERJ, reproduzindo a tendência geral de noticiar mais os criminosos do que a grande maioria de trabalhos construtivos que tantos promovem todo dia. Por conseguinte, a oposição dos manifestantes ao governo se soma à oposição ao obscurantismo da grande mídia, cujas maiores exceções, vale destacar, têm sido a da Carta Capital e da Cult (com destaque para Marcia Tiburi), embora os sites dessas revistas não tenham estrutura para cobrir ao vivo, todo dia, constantemente, os acontecimentos. Em termos de crítica social, geralmente os jornais só se salvam devido a seções culturais, que inclusive estão ameaçando se extinguir, e colunistas de qualidade como Francisco Bosco, José Miguel Wisnik, Vladimir Safatle, Eliane Brum. A mídia perde, assim, parte do grau de confiabilidade quando repete incessantemente a criminalidade, a corrupção e a produção abundante de novas medidas antidemocráticas (sem divulgar a contrapartida de trabalhos sociais positivos) e, ao mesmo tempo, coloca-se rapidamente do lado do poder diante de qualquer manifestação, greve e crítica consequente, principalmente não cooptada por partidos políticos e que tocam nos pontos essenciais. Eles mantêm a aparência de enfrentar o sistema, mas na verdade só reforçam o estado invariável de medo e resignação da população diante do terror cotidiano.

Está tão explícito o caráter pacífico, com gritos de não violência iniciados pelos organizadores e repetidos pelos manifestantes, que se tornou ridículo atribuir a responsabilidade dos danos de patrimônio público ao Movimento Passe Livre, principalmente depois do vídeo do policial quebrando o próprio carro e de suspeitas de policiais à paisana. Isso está de fato colocando a polícia numa situação lamentável. Regrida toda reflexão da sociedade iniciada com o filme Tropa de Elite, que tentou mostrar o valor e as dificuldades enfrentadas pelo policial frente a um sistema viciado. A culpa maior é dos mandantes, mas iniciativas individuais de abuso de autoridade abundam. Isso infelizmente alimenta o ódio recíproco entre cidadão e policial, embora não seja o policial aquele que deve ser crucificado, por mais responsabilidade que tenha, é o poder. Daqui para a frente, com o crescimento dos diversos grupos, iniciativas violentas de poucos manifestantes podem prejudicar a maioria e servir para justificar o uso de tropas de choque e exército. Por outro lado, os Anonymous, grupo

muito influente, misterioso e quase onipresente, que considero o mais avançado de todos, por ser disperso, anônimo (sem lideranças reconhecíveis) e viral (no melhor sentido), sobretudo por reivindicar uma melhoria de vida global, trabalha incessantemente na conscientização de seus simpatizantes para não demonizar o policial e, ao mesmo tempo, para converter os policiais à causa pacifista.

(Revisão e colaboração de Mariana Figueiredo e Juliane Ramalho, orientandas da linha de pesquisa Mística, afeto e modos de viver)

Continua...

Movimento Ensaio Livre: dentro e fora da rua

Eduardo Guerreiro B. Losso
prof. de Teoria da Literatura da UFRRJ

2- Afetos e devoções

Ódio é um sentimento que não deve ser alimentado por ninguém.

Contudo, não consegui deixar de sentir – e me coloquei do lado dos jovens indignados – um profundo ódio pela primeira declaração do Arnaldo Jabor, maior do que o que normalmente tenho por colonistas reacionários da Veja, pois ele não combinava com esse tipo de posição. Agora ele se retratou e se consertou, antes tarde do que nunca, e talvez mereça reconsideração. Mas sentimentos exaltados nesse momento imperam, principalmente diante de quem usa a palavra, do alto do espaço “nobre”, para propagar mentiras ideológicas e desqualificar a luta apartidária por melhorias no meio do inferno brasileiro, pois bate de frente com um sentido interno ético sempre presente de não falar e escrever qualquer besteira que presencio todo dia nos meus colegas professores, artistas, amigos e alunos. Somos seres afetivos, e ninguém, muito menos um pesquisador, pode se eximir desse lugar, ainda que não deva se cegar por ele. Lembro-me do poema de Cruz e Souza.

Ó meu ódio, meu ódio majestoso,
Meu ódio santo e puro e benfazejo,
Unge-me a fronte com teu grande beijo,
Torna-me humilde e torna-me orgulhoso.
Humilde, com os humildes generoso,
Orgulhoso com os seres sem Desejo,
Sem Bondade, sem Fé e sem lampejo
De sol fecundador e carinhoso.
Ó meu ódio, meu lábaro bendito,
Da minh'alma agitado no infinito,
Através de outros lábaros sagrados.
Ódio são, ódio bom! sê meu escudo
Contra os vilões do Amor, que infamam tudo,
Das sete torres dos mortais Pecados!

Cito o poema inteiro, pois ele abre a dimensão psico-social da ambiguidade entre amor e ódio: o que de fato está movendo o pacifismo dos estudantes é uma nova forma de amor patriótico, amparado pela solidariedade internacional, que se alimenta da coragem comunitária, experimentada por cada manifestante e com apoio alheio, semelhante a um exército, diante da traição policial, estatal e midiática. Soares observou que há demonstrações heroicas “exaltando os sentimentos e os elevando a uma escala quase espiritual”: isso vale a pena explorar mais a fundo. Lembro de uma frase decisiva de Slavoj Žižek no manifesto de Wall Street: “Nós, aqui, somos o Espírito Santo, enquanto em Wall Street eles são pagãos que adoram falsos ídolos”. Depois de toda a polêmica entre fundamentalistas e homossexuais no Brasil, terroristas islâmicos e mundo moderno de raiz cristã-judaica, ficamos acostumados a ver o quanto o extremismo religioso tomou o primeiro plano da cena política. Mas ainda falta entender melhor o quanto toda a manifestação política é imbuída de um ethos devocional fundamental que configura não só oposições políticas do tipo amigo-inimigo, mas principalmente a polarização entre fiel e infiel, bem como o sentimento, conforme à razão, de que os manifestantes estão com a verdade e os policiais estão do lado dos fariseus. Não é à toa, repito, que existem vídeos do movimento Anonymous dispostos a converter o policial a sua causa, inclusive com depoimentos dos já convertidos.

Embora tal polarização seja simples e possa ser desconstruída, ela está agora encontrando um grau de legitimidade inédita, devido ao pacifismo e à extensão das reivindicações, que demonstram razoável consciência da totalidade dos entraves para o desenvolvimento social: o efeito alienante do foco midiático no futebol e no carnaval, o descaso pela qualidade de vida (isto é, transporte, moradia, saúde e educação), o aumento calculado e promovido do custo de vida. Ele se coloca num posicionamento de reivindicação bem superior a várias outras alternativas que temos observado ao longo da história recente. Para ser mais explícito, eu me refiro: 1- aos conflitos entre a luta armada dos comunistas e a ditadura; 2- ao recente movimento hip hop da periferia, que mantém uma posição ambígua de contestar a violência policial e o lado de vítima dos criminosos pobres, mas, a partir daí, incitar à violência do cidadão; 3- às lutas das minorias, que certamente possuem inalienável legitimidade, mas particularizam a opressão e, com isso, perigam em deslocar a luta contra os problemas centrais que, inclusive, contribuiriam para elas, penso especialmente na precariedade de uma educação em prol da autonomia crítica. Desde sempre as minorias poderiam se somar e fortalecer a luta geral, mesmo que também não devam deixar de manter a sua independência. Cada causa é legítima e precisa de grupos específicos, mas se todos

eles não tiverem uma solidariedade conjunta de princípio para os problemas centrais e globais, mesmo os problemas particulares se enfraquecem.

A legitimidade política do levante atual – em estratégia, estilo e reivindicação – por mais que não deva ser unânime (pois deve dar espaço para o fórum democrático de discussão e dissenso), refresca décadas de mal-entendidos que entravaram uma possível fundamentação convincente de protestos políticos, inibiram adesões maiores e, por tudo isso, foram muito bem exploradas pela vontade dominante de manter o banho-maria de medo e resignação. Portanto, todo o fundo espiritual do movimento está alicerçado não na ilusão religiosa (até porque não é ideologicamente religioso), mas no sentimento da verdade moral da religião, que é parte de seu conteúdo de verdade. Ele ressurgiu precisamente quando alia ação imediata e razão crítica (nada acadêmica, mas que, por isso mesmo, revela o seu fundo espontâneo, vindo do estado de formação dos estudantes), ambas movidas pela esperança utópica, não programática, mas difusa, imprecisa, negativa.

Também há os humores contrários ao sucesso do movimento. O ceticismo fácil que questiona a unanimidade da MPL tem que dar mais uns bons saltos dialéticos até começar a entender o que está acontecendo. Sim, tudo isso pode ser apropriado por partidos políticos na próxima eleição, mas a questão mais importante agora não é essa, a meu ver. Não se deveria desmerecer conquistas recentes para antecipar as manobras do sistema que eu também sei que virão. Isso aconteceu em 68, aconteceu nas diretas já, e pode acontecer mais uma vez. Porém, uma manifestação forte em torno de uma causa absolutamente legítima, ao mobilizar tanta gente em torno de problemas reais, e fazer isso com consciência e estrutura coletiva para não revidar a truculência intimidadora do vandalismo e baderneira policial, isso não se vê todo dia. É sinal muito claro de que uma indignação emancipatória genuína floresce no meio da lama do sistema e a resignação de todo dia. Em vez de ajustar o foco da consciência para o derrotismo de sempre, vale mais agora ajustar a lucidez para focar quando, muito de vez em quando, acontecimentos reais, mobilizações de valor crítico despontam no meio da pasmaceira de pseudo-acontecimentos, novas leis ditatoriais, guerrinhas conservadoras e violências cotidianas.

Quem não quer encontrar água no meio do deserto, então morra de sede sozinho.

Continua...

Movimento Ensaio Livre: dentro e fora da rua

Eduardo Guerreiro B. Losso
prof. de Teoria da Literatura da UFRRJ

3- Cultura de esquerda e falsa alternativa: fascistas e partidos

Não, não haverá golpe, podem ficar tranquilos: já estamos nele. Não, não vou apoiar agora o PT por causa dos fascistas, essa é a mais nova e fresca falsa alternativa.

Ficou evidente para mim que a tônica na minoria “vândala” da mídia, a franca violência totalitária dos governantes que mandam na polícia, juntamente com a falsa opção entre fascistas e partidos, estão conseguindo em parte o que queriam: desvirtuar a consciência crítica precisa ao sistema (falta de qualidade de vida) recentemente cristalizada pela população. Em vez de focar o motivo principal – a indignação do cidadão diante da precariedade dos serviços públicos – a discussão roda em torno de questões menores, polarizadoras, que reforçam posturas ideológicas e enfraquecem o teor crítico como: manifestantes devem ou não participar das passeatas, é válido ou não o uso da violência diante do ataque policial, a Dilma merece ou não apoio?

Vou me concentrar na primeira questão. Ela mostra que dois personagens políticos manipuladores e retrógrados estão abaixo das conquistas recentes e apareceram para confundir, retroceder o espaço de escuta recém-conquistado de uma indignação com todo o sistema. A consciência política do cidadão de que é preciso uma mobilização apartidária que questione todos os governos e partidos em sua participação harmônica no descaso pela melhoria social substancial (e não eventual) e a clareza de que Copas e Olimpíadas não trarão nenhum benefício, a clareza mais surpreendente ainda de que o futebol serve para dopar o povo e a grande mídia promove mentira, omissão e alienação, não deveria ser desvirtuada.

Os fascistas passam a confundir a crítica à totalidade do sistema (à mídia, aos partidos, a todo o governo) com uma ideologia pior do que a dos partidos: querem retornar à ditadura. Nada melhor para sabotar uma consciência popular recém-conquistada do que injetar velhas distorções ideológicas. Se durante tanto tempo tal manobra funcionou, não admira que ela tenha condições de amedrontar ainda hoje. É óbvio que essa ideologia é a mais execrável e deve ser combatida. Dilma não merece impeachment, e impeachment não resolve nada. Paira no ar o desejo de retirar todos os políticos, contudo, substituir uns por outros nada mudará, e, inclusive, tem tudo

para piorar. Temos exemplos históricos abundantes de que revoluções de esquerda e direita são infinitamente perigosas e que a democracia continua sendo a menos pior das possibilidades. Os políticos não devem deixar o poder, devem fazer o seu trabalho direito. A única possibilidade de alguma mudança positiva se concentra somente na pressão popular aos governantes, desiludida e orgulhosa de sua capacidade ativa. Os eleitores também não devem ser responsabilizados pelo voto errado, porque não há escolha e votar nulo aumenta a validade dos votos válidos. Não é no voto nem na eleição que a democracia dá alguma chance para a população, é na pressão coletiva contra o próprio sistema político capitalista.

Os defensores do PT e mesmo dos partidos de esquerda menores, embora sejam menos piores, não devem ser poupados. Está muito evidente que, no fundo, eles devem toda a retomada de seu status moral aos fascistas: agora eles podem gritar à vontade que os manifestantes indignados com os partidos são todos fascistas, podem posar de excluídos e avançados. Eles alimentam o alarmismo do golpe ditatorial (que não é justificado, pois os fascistas não tem esse poder) e assim ocultam as medidas de caráter totalitário, tanto dos governos de direita quanto de esquerda, que já estão em vigor. Um alimenta a paranoia do outro, um demoniza o poder do outro para que ambos fortaleçam o seu poder demoníaco, e a produção desse imaginário paranoico cega os reais motivos de urgência: o contraste entre os péssimos serviços públicos e o “padrão FIFA”, como belamente está sendo articulado pela retórica popular.

O maior problema dos partidos de esquerda é que eles mesmos são uma apropriação da cultura de esquerda que nunca se identificou com eles que os supera e os excede em muito. Refiro-me aos primeiros socialistas e a toda a tradição da arte moderna, desde Baudelaire, Rimbaud, passando pelas vanguardas mais críticas, feminismo, beatniks, situacionistas, contracultura, até movimentos descentralizados como os Anonymous de hoje. A verdadeira alternativa crítica coletiva aos partidos de esquerda, que não param de nos decepcionar, é a cultura de esquerda. Eles não se limitam a uma pauta reivindicatória precisa, que sempre modifica detalhes e não o todo; a esquerda cultural pretende romper com o modo de vida dominante, e seus valores intrínsecos, por isso, ela é mais radical e conseqüente. Ela quer transformar a percepção de mundo e a prática de vida, e não apenas mudar o programa do governo. Os partidos, desde a velha ilusão comunista até hoje, nunca aceitaram plenamente essa abrangência de mudanças e, embora os partidos mais marginais se infiltrem sempre nas mobilizações da juventude (como o fez um dia o PT), eles geralmente contribuem para a regressão da atitude transformadora com a apropriação de uma

militância partidária, que sempre mantém a organização hierárquica e voluntária cegueira diante das lideranças que participam do sistema. Não quero excluir a possibilidade de um partido (ou parte de seus candidatos) conseguir uma mediação feliz entre essa cultura e a inevitável representatividade política, e assevero que o ideal é os partidos se abrirem à essa cultura, e não o contrário. Mas não é isso que tem sido feito nas últimas décadas.

A confusão entre um e outro é um dos nós falseadores mais difíceis de destrinchar na luta política hoje. É por isso que todo o trabalho dos diversos poderes que dominaram o Brasil, ao longo de sua história, e em especial a entrada da televisão na ditadura, mostra sua eficácia quando a maioria do povo caracteriza os tipos sociais da cultura de esquerda como “vagabundos”, “drogados”, “baderneiros”. Sabe-se que o povo brasileiro é essencialmente conservador, porque foi educado por poderes opressivos e conservadores, e hoje está ganhando o reforço dos evangélicos paranoicos. Mas é justamente nesse momento que estamos observando o sucesso parcial das causas da esquerda cultural defendidas por todos, especialmente pela nova classe média, e isso é motivo de felicidade para quem sempre viveu à margem da margem; isso leva à necessidade, inclusive, de cuidado com o novo terreno conquistado. Certamente um teórico crítico como eu não poupa críticas até mesmo a certas tendências da própria esquerda cultural, mas não posso prescindir dela, pois o espaço mais propício para ouvir pensamentos críticos sutis e se dispor a uma mudança profunda dos valores sociais é esse. Os jovens e veteranos dessa cultura guardam o único espaço coletivo que inspira esperança.

O que está se colocando em questão é o sistema partidário e a engrenagem perversa da política como um todo, portanto, os partidos não tem o direito, de fato, de se apropriar da indignação; mas, é claro, em termos de direitos democráticos, eles deveriam sim ter a autorização de participar das manifestações, embora com muitos poréns. O ideal, a meu ver, é eles serem mais honestos e organizar uma manifestação à parte, só deles; do mesmo modo os fascistas. Muitos acham que estou enganado. Mas, repito, essa é uma questão menor e produz, não tenho dúvida, uma confusão calculada para manobrar a causa maior.

Penso ser extremamente necessário educar o cidadão para não cair em faltas alternativas. A atual estratégia do poder, que se vale de todo o aparelho midiático, tem se dado nos últimos 20 anos precisamente nessa direção e tem demonstrado muito sucesso.

De qualquer modo, embora eles abalem o núcleo da nova percepção, não a ameaçam. Continuo guardando a felicidade de ver a população mobilizada contra o tudo aquilo que a oprime, sem particularismos divisores. Fica ainda mais clara, explícita, límpida, a contradição entre o discurso democrático dos governantes e as ações repressoras, bem como semiocultas manobras, intimidações, paranoias, oposicionismos, toda a variedade de propagações do medo e da discórdia. O que peço a todos é não deixarem de lado o sentimento libertador e os objetivos principais. Tudo isso pode até se deturpar e ruir em parte a leveza inicial. Mas são desafios de percurso.

Continua...

Movimento Ensaio Livre: dentro e fora da rua

Eduardo Guerreiro B. Losso
prof. de Teoria da Literatura da UFRRJ

4- Da crítica ao sistema ao exame de si mesmo

I- Alguma coisa em vez do nada

Enquanto isso a boa e velha mídia continua mentindo descaradamente como sempre, Cabral cada vez mais truculento, novas mídias surgindo e cobrindo a verdade, OAB de prontidão nas delegacias a favor dos manifestantes, Anonymus crescendo de popularidade a cada segundo, Black blocs se destacando como os corajosos da cena: a estrutura da nova realidade está se consolidando, com ou sem partido, com ou sem sindicato, mais ou menos gente nas ruas. Velhas gerações do povo criados pela ditadura acreditam na mídia, logo, na ideologia dominante, mas a multidão que está mudando o Brasil está cada vez mais convicta de sua consciência e força. PM – governo – grande mídia, população conservadora X estudantes, professores, médicos, advogados, jornalistas, etc. ativos no protesto, conscientes e indignados.

Por mais que o aparelho repressor, midiático, ideológico, político, faça de tudo para confundir, desvirtuar, essa oposição principal não muda: ela está se reforçando. Falta ainda ficar mais claro para todos que não é o "Cabral", a "Dilma" o problema, nem são só absolutamente todos os políticos. Eles não são mais do que a superfície visível dos empresários que mandam no capitalismo tropical, enfim: é o sistema. Para ir mais fundo, é preciso denunciar tudo: o falso plebiscito, o falso 10% para educação, a falsa necessidade de tirar os 0,20 de outro lugar, a falsa falta de dinheiro, as mil artimanhas para desviar e não fazer o que deve ser feito. Mas tudo a seu tempo. Indignado já estou desde que me entendo por gente, mas alegre e sorridente diante de uma multidão insistente e corajosa. Por pior que seja ver a desfaçatez da truculência policial, ela é uma reação à vitória da mais admirável consciência política que o povo indignado brasileiro pôde um dia aceder. Ainda falta muito chão para essa consciência amadurecer, mas entre o nada e alguma coisa, estou ainda me perguntando com o meu compadre Leibniz como é possível existir alguma coisa em vez do nada.

II- Da crítica ao sistema ao exame de si mesmo

O que falta para essa consciência avançar? Muito chão, para começar com os seguintes itens: 1- deixar de se fixar em "Cabral", por pior que ele seja, nem nos

políticos, nem acreditar que possa existir um político bonzinho: político é a superfície visível do mundo muito bem protegido do capitalismo, feito, a saber, de empresários.

2-logo, não se indignar só com corrupção, que se limita aos corrompidos políticos, e sim os que precisam corromper, e são seus maiores beneficiários: todos esses seres invisíveis do empresariado, que não são uma só vez nomeados. Quem são os donos das empresas de ônibus, por exemplo? É claro que devemos incentivar os empresários empreendedores e trabalhadores que fazem a economia crescer, isto é, especialmente os pequenos empresários, mas esses também estão insatisfeitos com a situação;

3- é preciso denunciar tudo: o falso plebiscito, o falso 10% para educação, a falsa necessidade de tirar os 0,20 de outro lugar, a falsa falta de dinheiro, as mil artimanhas para desviar e não fazer o que deve ser feito;

4- francamente: não importa o meio, queremos é o fim: saúde, educação, transporte público, saneamento, segurança, habitação de qualidade, padrão FIFA e Rede Globo; também preservação da natureza, direitos dos índios, diminuição do custo de vida; só isso, mais nada, ou seja, muito pouco. Somos humildes e modestos: não queremos carro do ano, jatinhos, sítios particulares, propriedades de terras, muitos imóveis, etc. nada disso aí que vocês têm. Temos certeza que ainda sobra dinheiro para vocês terem o seu sagrado lucro e a bolsa ficar em alta. Ou vocês vão ter de confessar que o capitalismo não funciona a não ser oprimindo e explorando a maioria, ou deverão fazer uma reforma sim, mas uma reforma revolucionária.

5- "Se quer mudar o mundo, comece por si mesmo". Essa singela frase tão repetida em várias organizações de protesto deve ser levada mais a sério do que todas as outras, a meu ver. Há toda parte significativa da história da filosofia, da qual Sócrates participou com o seu "Só sei que nada sei", bem como a parte mais sofisticada das religiões, que desenvolveu um longa tradição da busca da autotransformação. Esse é o ponto cego de toda discussão política. Podemos matutar nas vantagens e desvantagens dos vários sistemas de governo, viáveis ou não, resignados, realistas ou utópicos. Mas o item "melhorar a educação" é central justamente porque deveria ir muito além de fornecer conhecimentos técnicos aos adolescentes.

Faça uma pergunta: por que a maioria das pessoas que enriquecem se tornam tão ou mais fúteis e viciadas em sua riqueza quanto as que com ela nasceram, guardando motivos muito pessoais para querer manter o sistema cada vez pior? Para mudar isso, seria preciso nada mais nada menos do que resgatar a tradição dos exercícios espirituais filosóficos, religiosos (sua ascese e mística), poéticos, artísticos

com muita seriedade, estudar suas metamorfoses na modernidade e pensar em modos de atualização. Esse é especificamente o meu trabalho e esforço como pesquisador há uns 20 anos, como estudante e professor, e ainda estou no começo do caminho. Seria preciso simplesmente inverter as prioridades do conteúdo do ensino e dar aos alunos elementos genuínos para “conhecerem a si mesmos”.

6- Por isso mesmo, a luta não é só nas ruas. Há uma necessidade de reunir pessoas, protestar, enfrentar o sistema em cena. Mas há tanto ou mais necessidade de uma luta fora das ruas, nas relações cotidianas, e dentro de si mesmo, na relação consigo mesmo. Ir às ruas tem sido um imperativo muito importante, mas entristecer-se com menos pessoas que o último recorde numérico, e achar que tudo se resolve assim, é fetichizar as ruas e o seu espetáculo. Junto com o incentivo ao combate do protesto, é preciso mais incentivo ao combate interior, sem ilusões de autoajuda, sem ingenuidades, aliás, diferenciar inclusive o estudo das tradições, suas rupturas e reinvenções, faz parte deste estudo de si. O conhecimento filosófico, religioso, psicológico e artístico precisa ser mais incorporado na prática de viver, mas o ensino, a pesquisa universitária e, conseqüentemente, a luta política desprezam e desqualificam essa dimensão, e a psicologia parece estar muito distante disso, embora nessa luta microssubjetiva esteja contido o cerne das grandes lutas. Então é preciso, de fato, repensar nada mais nada menos do que toda a relação entre teoria e prática, não só teoria abstrata e prática política, mas, principalmente, teorias da subjetividade e práticas de si. A radicalidade da crítica social tem necessidade imperiosa de aliar-se à radicalidade do trabalho de si. É no exame da relação consigo e com o outro, feito com olhos analíticos e meditativos, que a crítica social pode ganhar a sua real profundidade e abrangência.

III- Por trás dos políticos em evidência

Os PMs não são os capangas dos políticos? Então, só falta completar: os políticos são os PMs dos grandes empresários.

Você acha que político é gente confiável? Não? Então porque deveríamos pensar que os homens que mais ganham dinheiro no Brasil, e continuam inomináveis e intocáveis, mandam nos políticos, seriam confiáveis? A fama de Eike é só uma exceção que confirma a regra, porque ficou evidente demais, a maioria está na penumbra.

Isso é discurso de comunista? Não. Assim como é preciso reconhecer os pequeníssimos grandes feitos e batalhas de Lula, reconhecer que o PT é menos pior que a direita, é preciso reconhecer uma editora como Cosac Naify, iniciativas privadas

como Oi Futuro, Itaú Cultural, Sesc principalmente, embora a maioria continue sendo as públicas, como CCBB, crescimento das universidades, etc. Aplaudido de pé, é preciso dar mérito ao que tem mérito, com louvor, precisamente para incentivar o seu crescimento.

Mas tudo isso é demasiadamente pouco para o que é preciso, os poucos feitos são uma porcentagem mínima, também são uma exceção que confirma a regra!, então o incentivo deve se tornar uma reivindicação. Não queremos migalhas. Temos a modéstia de querer o mínimo necessário, e ainda estamos muito longe disso. Não nos enganem com porcentagens ínfimas de seus lucros. Por mais que Marx deva ser em parte criticado e atualizado, por mais que ele tenha sido tão redirecionado e deturpado, as verdades que ele disse há quase 200 anos atrás modificaram muito pouco.

Portanto, meu lema não é fora Cabral, por mais que eu me simpatize com ele. Meu lema é: Cabral, mostre a cara de seus patrões em vez de PMs.

Mas ainda não fico satisfeito só com isso. Vou mais além: é preciso não só denunciar os principais interessados no sistema, mas também é preciso direcionar a educação e o conhecimento para modificar a mentalidade que mantém o sistema. Os ricos são os primeiros que deve ser urgentemente reeducados. Repito: então é preciso, de fato, repensar nada mais nada menos do que toda a relação entre teoria e prática, não só teoria abstrata e prática política, mas, principalmente, teorias da subjetividade e práticas de si.

Tateando na neblina

Leonardo Davino de Oliveira

Poeta, pesquisador e ensaísta

Entre a euforia e a ressaca, percebemos logo cedo que o simples fato de o Brasil sediar grandes eventos esportivos, na prática, não melhoraria em nada as condições de vida no país. A desconfiança se revelava coerente a cada enfrentamento com os desserviços públicos. Manifestações e piadas – como o disseminado “imagina na Copa” – contra a autopromoção do Brasil pipocavam. Portanto, dizer que “o gigante acordou” deve significar dizer que as vozes se juntaram em coro, posto que nunca dormiram e sempre estiveram em busca de suas representações.

O alardeado crescimento econômico não era sentido na pele do cotidiano como a solução de todos os problemas. Ao investir em números, o governo federal esqueceu que as frações também devem ser signos da existência de seres viventes múltiplos, diversos, plurais. E essa insensibilidade em relação às especificidades dos povos dentro do “povo brasileiro”, essa massa ainda encarada como uniforme, é um dos temas das manifestações que encham as ruas do país neste meio de 2013. Mas não é só isso.

Atentos aos sinais: a peça “Adeus à carne” (2012), dirigida por Michel Melamed, e a performance “O confete da Índia” (2012), de André Masseno, já apontavam a pane no sistema ético-político perpetuado no Brasil. Enquanto a peça de Melamed investia na crítica dos mecanismos de apropriação política da festa do carnaval para fins de mascaramento da dor-Brasil alastrada sob o brilho dos falsos diamantes do dia-a-dia, a performance de Masseno sugeria um retorno às nossas mitologias ontológicas, libertas da assepsia eugenista imposta pelo conservadorismo religioso e político e, agora, pela FIFA. O chamado “padrão FIFA de qualidade” tem se revelado um dispositivo de distanciamento entre classes, de potencializador da negação das misturas étnicas, sociais e culturais formadoras do Brasil.

Aliás, não devemos estranhar que mais uma vez a festa do futebol, nosso “veneno-remédio” esteja no vértice das questões. Ao que parece, o “povo” não se permite mais cair no jogo de luzes que é o futebol apropriado pelo capital. O Maraca ainda é nosso? A cidade é nossa? O que dizer da tirania dos patrocinadores que não permitem concorrência? Quem vai poder entrar nos estádios depois que a predadora FIFA juntar seu circo e partir para outro país?

Não foi por se afastar das vozes que hoje gritam em coro frases como “Reforma política já”, “Nenhum partido me representa”, “Mais amor, por favor”, “Contra a PEC 37”, “Meu cu é laico”, que o PT se viu à margem dos movimentos? O PT à frente da presidência nos fez perceber que não basta apenas ser de esquerda, se o partido progressivamente se afasta da polifonia das ruas, repetindo fórmulas gastas e antes criticadas. É preciso fazer diferente. Mais. Melhor.

Foi por ter sido proibido de protestar que o volume de gente nas ruas aumentou? Já era a – “oficialmente”, digamos assim – sétima vez que bravos manifestantes iam às ruas chamar a atenção para os absurdos que envolvem tais campeonatos esportivos: como por exemplo, as remoções higienizadoras, a limpeza dos estádios e a falta de transparência no uso do dinheiro público nisso tudo. Até os índios cujas pautas eram defendidas por uns poucos se viram absorvidos pelo coro das ruas. Mas a quem tais protestos são direcionados?

Fingindo não ser com eles, os presidentes do DEM e do PSDB “comentam” desdenhosamente o pronunciamento da presidente da República. Repetem a cantilena querendo nos fazer crer que a corrupção surgiu hoje.

A imprensa dá dez vezes mais destaque aos atos de vandalismo praticados por alguns manifestantes que às pautas de reivindicação. E age no automatismo da frase de efeito generalizador: “As manifestações que começaram pacíficas, mas...”. Não fossem às inúmeras imagens disponibilizadas nas redes sociais – nunca uma expressão fez tanto sentido – não teríamos acesso à truculência da polícia, à virulência da direita. Sim, ainda temos uma direita forte, ou isso fica bastante evidente quando um colunista finge não entender a estratégia do recuo enriquecedor do MPL (Movimento Passe Livre). Onde foram parar as imagens da violência policial captadas pelas centenas de jornalistas e repórteres que “cobrem” os protestos? Na Globo a gente não vê. O que vemos são tentativas fracassadas, posto que desenvolvidas e escritas diante da TV, de fazer o telespectador “entender” a situação. A manchete encanta: “Pesquisa Ibope revela quem são e o que querem os manifestantes”. O Fantástico divulgou a pesquisa exclusiva.

Fingindo não ser com ela, a polícia do Rio de Janeiro “legitima” as “manifestações pacíficas” e varre as ruas do Centro da cidade juntando tudo e todos que encontra pela frente em um mesmo saco, sempre com a justificativa de que todos “excessos” serão “investigados”. Pessoas que sequer estavam nas manifestações foram atingidas por balas de borracha e por gás.

Mas a quem interessa essa legitimação da “manifestação pacífica”? A quem interessaria uma reedição dos “caras pintadas”? A quem interessa hackear as contas do Anonymous Brasil? O disque-denúncia está recebendo informações sobre os “vândalos”. De qual tipo de vandalismo estamos falando? Na TV um mendigo diz não estranhar a ação da polícia, afinal é assim que eles agem nas periferias das grandes cidades. Ele espera que, sendo as vítimas agora “pessoas estudadas”, algo mude.

Fingindo não ser com ele, o deputado pastor preside a sessão que votou um projeto de lei (de João Campos, PSDB) que libera a “cura gay” por parte dos psicólogos, dando um salto de retrocesso sem precedentes no que se refere à liberdade individual. Fingindo não ser com eles, os conluídos do pastor aprovam. E ainda ameaça a Secretária de Direitos Humanos da Presidência da República, Maria do Rosário, quando esta se diz contrária ao projeto, evocando o poder do voto dos fundamentalistas religiosos nas próximas eleições.

O núcleo duro disso tudo parece ser o alto preço que pagamos por péssimos serviços. Para desespero dos políticos surdos aos eleitores (sim, não podemos esquecer que somos nós quem os colocamos lá), o “povo” não se ilude mais com os fingidos. Parece cansado de fazer de conta que está tudo muito bom. Será que esse tipo de político que esquece que só chegou ao mandato pelo voto, está com os dias contados? Tomara. A ver!

Tenho dito que sou apartidário, mas não antipartidário, afinal muita gente lutou, foi torturada e morreu para que eu tivesse o direito de votar e lutar. Mesmo que nenhum partido hoje me represente, não posso deixar de defender a presença deles. Minha bandeira é a da Reforma Política. Estive na Avenida Rio Branco. Estive na Avenida Presidente Vargas. Na primeira, cercado de amigos, cheguei a Cinelândia tomado por uma alegria sem tamanho. Nada de palanques, nada de comícios, nada de porta-voz, a corporalidade de cada um ali era o todo. Só fiquei sabendo dos confrontos entre policiais e manifestantes quando cheguei em casa. Na segunda, havia um clima diferente, a “imprensa” trabalhou pesado na fetichização dos atos (kit manifestação?), para a alegria dos coxinhas (neo-pelegos). Sim, reacionários também estão indo às ruas. E isso é bom. Em momentos de crise da representação máscaras aparecem e caem em velocidade estonteante. “O que vocês acham de decidirmos um padrão de roupa e cor de blusa para ficar mais claro que é protestante?”, pergunta uma ingênuo manifestante. Saímos correndo quando os primeiros pipocos das bombas se aproximaram de nós, quando a neblina avança em nossa direção.

A crise da representação parece estar derrubando os muros erguidos para separar políticos e "povo". E tornando-nos mais exigentes. Senão vejamos este relato que circulou no Facebook: "Estava uma fila enorme e só 1 caixa atendendo. Um senhor começou a gritar "COLOQUEM MAIS CAIXAS" e todos começaram a acompanhar batendo palmas e gritando "MAIS CAIXAS" "CADÊ O GERENTE" "MERCADO DE M". Começou a juntar muita gente. O ponto alto foi quando apareceu um segurança com cara de mau. O povo começou a gritar "EM VEZ DE MANDAREM CAIXAS, MANDARAM SEGURANÇAS". Rapidinho apareceram mais 5 caixas para atender".

Será que em vez de "povo" ainda seremos uma sociedade onde as várias vozes em coro gritam por cidadania? Tomara. A ver.

Obscena alegria

Luiz Guilherme Barbosa

Crítico de poesia do Jornal Rascunho

Quando Lula chegou à presidência, havia um eco comunista neste gesto, de um operário assumir aquele lugar, e este gesto trazia à tona o questionamento da capacidade que teria de governar, o que foi superado ao longo dos dois mandatos. Questionava-se a capacidade intelectual de um cidadão governar numa democracia. Com a chegada à presidência de Dilma Rousseff, assumia o poder uma mulher que fora torturada. E assumir a presidência representa, em alguma medida, para esta mulher, uma exposição simbólica do seu corpo, do seu corpo de mulher, torturado. Este recado, biopolítico, do corpo que assume o poder, o poder de um lugar, a presidência, que não é ocupado por militar, intelectual, operário – nomes de ofícios –, mas por mulher, torturada – nomes eróticos –, este recado se disseminou de tal maneira, chegou ao corpo de, por exemplo, boa parte da minha família (profundamente conservadora) e de tanta gente diferente em idade e ideias que foi às ruas e possibilitou a compreensão de um gesto como este, de ocupar as ruas com nossos corpos – e não exatamente com nossas ideias, tão disparatadas –, provisoriamente, heterogeneamente, festivamente, temerariamente. O significado dessa ocupação das ruas vem depois, no modo como se pode transformá-la em trabalho, em aula, em família, em voto, em ONG, em amizade. Instável, singular, mas não anônimo: este trabalho é, já que o jogo é simbólico, uma assinatura. O jogo é simbólico, e opera no ponto cego entre a família e o estado, ou seja, no ponto cego da cidadania, que se exerce de modo difuso a qualquer momento, ao pagar o aluguel injusto, ao receber o salário injusto, ao pegar o ônibus injusto e buscar o trabalho justo. Por isso é tão importante, por um breve momento, ignorar sumariamente as fundamentais conquistas políticas das gerações de antes, afirmar-se como cidadão e, como cidadão, não ser filiado a partido, e, como cidadão, não desejar ser vereador, deputado, prefeito, líder comunitário, e, como cidadão, interpretar e, posteriormente, inscrever a ocupação provisória das ruas nos menores gestos, que muitas vezes não se compreendem bem, outras vezes se compreendem mais, mas que, de qualquer modo, são – os gestos de cidadania – quase sempre uma tentativa de aproximação com os outros, quaisquer outros. Por fim: desde a noite de segunda-feira, dia 17 de junho, pude dormir melhor. Foi a manifestação no Rio de Janeiro que definiu, mais claramente, uma diferença, a

da alegria sem causa. Falei por esta manifestação, à maneira dela. Portanto, falou-se. Falou-se ao desejar outra democracia, ao desejar outra coisa do mesmo, ao expor, obscenamente, o tamanho vazio ideológico e o tamanho, tamanho vazio, mal-estar, indiferença, muita alegria e algum ódio com que carrego, pelas ruas, este corpo. A guinada conservadora, pouco enigmática, do movimento é, também, voz obscena, mas sem alegria.

O futebol é do povo

Renato Rezende

Poeta e romancista,
ganhador do prêmio Alphonsus de Guimarães,
da Fundação Biblioteca Nacional 2005
com o livro de poemas *Ímpar*

Evidentemente, muita coisa sábia, muita asneira, muitas declarações oportunistas, outras demagógicas, muitas perplexas, eufóricas ou paranoicas estão sendo proferidas em meio a esses já muitos dias – e não se percebe tendência a diminuir, apesar da injustificada violência policial, como a que vimos na quinta-feira dia 20 de junho no Rio de Janeiro – de manifestações públicas em todo o país. Em geral, sinto-me, pelo menos até este momento, razoavelmente satisfeito com o debate, com as discussões levantadas, com a coragem e disponibilidade da maioria. Resta saber até onde seremos capazes de prosseguir, como uma sociedade democrática, em um debate aberto, de aprofundar os temas levantados pelas manifestações, de tomar conclusões coletivas e agir para o bem da nação – que, no fundo, é o desejo que comove todos os que vão às ruas.

No entanto, a meu ver, pouco se falou até agora sobre a violência simbólica que sofremos, como brasileiros, diária e intensivamente, e que retorna agora de forma difusa nas ruas. Poderia falar sobre a hipocrisia dos discursos oficiais (governos, mídias, etc.), que constantemente ofendem nossa inteligência e paciência, mas vou usar como exemplo o futebol, que me parece um caso particularmente significativo. O futebol, de certa maneira, define e molda a civilização brasileira de modo especial, e não são poucos os cientistas políticos e antropólogos que se debruçaram de maneira feliz sobre o assunto. Não creio que seja apenas uma coincidência que as manifestações tenham eclodido em meio à Copa das Confederações. De fato, o único elemento novo no contexto nacional é exatamente a Copa. Corrupção, mau uso das verbas públicas, horríveis serviços públicos, fisiologismo político, etc. infelizmente são companheiros cotidianos do povo brasileiro desde sempre. E não é simplesmente pelo fato de que a Copa serviu e serve para um imenso desperdício e desvio de dinheiro público. Isso toda criança sabia que aconteceria desde muito. Surpresos estaríamos se fosse diferente. A violência simbólica a que me refiro no caso é o seqüestro do futebol, patrimônio do imaginário de uma nação, para ser instrumentalizado como mera mercadoria, processo que nos empobrece e humilha.

Toda vez que vejo as insistentes palavras e imagens de propaganda de bancos, cervejas, carros, governos, seja lá o que for, explorando uma fantasiosa e ridícula associação de suas marcas e produtos com o futebol, me dá vergonha de gostar tanto desse jogo, de encontrar filosofia e arte nele, me dá vergonha de torcer, me dá vontade de nunca mais voltar a um estádio. O futebol era uma riqueza minha, nossa, que está nos sendo descaradamente explorada. Foi triste, por exemplo, ver o modo como a Fifa organizou o contato entre jogadores e público, ou o novo Maracanã: um estádio (ou uma arena, como agora, não sei porque, o chamamos) sem personalidade, que mais parece um aeroporto internacional, de onde o povão foi expulso. Não há mais a geral, não há mais a arquibancada, é preciso se comportar com etiqueta da Fifa (uma entidade evidentemente autoritária, associada aos oportunistas locais como a CBF e a rede Globo). É claro que não suportaremos isso, é claro que tomaremos, simbolicamente, o Maraca de volta (quanto tempos aquelas cadeirinhas assépticas sobreviverão, não sei), é claro que lutaremos até o fim, pois pode-se roubar o bolso (e temos sido historicamente passivos nisso), mas não o imaginário de um povo. Evidentemente, não quero dizer que as manifestações se resumem ao futebol, muito menos que o futebol seja mais relevante do que a economia ou a política, ao contrário. Mas esse é o país do futebol, e o futebol é do povo.

O futebol é do povo

Renato Rezende

Poeta e romancista,
ganhador do prêmio Alphonsus de Guimarães,
da Fundação Biblioteca Nacional 2005
com o livro de poemas *Ímpar*

Num curto ensaio anterior referi-me a violência simbólica que nós, o povo brasileiro, temos sofrido calados nos últimos anos, e que teria eclodida agora, nas manifestações de rua, e usei o futebol como exemplo. Nesse curto ensaio retorno ao assunto de forma mais ampla. É notório que há 10 anos atrás, o país, emocionado e em júbilo, comemorava a primeira eleição de Lula num mar de bandeiras vermelhas. Quatro anos depois, na campanha da reeleição, evitou-se o vermelho (o PT se sujava) e focou-se no verde e amarelo. Na eleição de Dilma, em meio ao escândalo do mensalão, financiada pelo carisma de um Lula que se disse traído, a própria sigla do partido manteve-se discretamente em segundo plano. Nas manifestações que hoje sacodem o país, as bandeiras partidárias não são bem-vindas. “Meu partido é o Brasil”, dizem alguns cartazes.

São inegáveis as conquistas sociais trazidas pelo PT, na esteira dos governos FHC (cujas conquistas o partido nunca soube reconhecer com justiça), e a contribuição do PT ao país é imensa. No entanto, ao mesmo tempo em que traía seus princípios éticos, e chafurdava em alianças tenebrosas e num grau de corrupção jamais visto neste país, o PT, cada vez mais distante de um debate sério com a sociedade, entrava no delírio da identificação com o próprio país. A violência simbólica a que me refiro aqui, e da qual fomos vítimas, foi um discurso cada vez mais hegemônico por parte das esferas governamentais e estatais com o subtexto que o Brasil é o PT, que quem é contra o PT é contra o Brasil, e que o Brasil livrou-se, num passe de mágica, de 500 anos de exploração graças ao PT. Contra esse discurso reducionista levanta-se hoje o povo brasileiro.

O Brasil é maior que o PT. Não vivemos apenas de eletrodomésticos. Não somos tão idiotas. Não é porque amamos futebol engoliremos a prepotência da Fifa e seus lacaios. Não é porque o PT contribuiu em muito para o país engoliremos um discurso simplório e populista. A política do pão e circo acabou. O povo não é mais uma massa amorfa, fácil de conduzir e manipular. A população é formada por milhões de sujeitos, com nomes, desejos e ideias próprias, e com forte capacidade de mobilização. Isso

todos os partidos políticos, não apenas o PT e não apenas no Brasil, vão aprender na marra, ou perecer. O PT é um partido que fez acertos e erros, que acreditou que os fins justificam os meios, que comprou a oposição (que em grande parte se deixou vender), que perdeu a noção de sua importância histórica e, em grande parte, se corrompeu, perdendo representatividade. É evidente que há um sentimento de decepção.

Na última década houve no país um enorme crescimento econômico e cultural, mas um empobrecimento político. Não contra estes crescimentos, mas contras esse empobrecimento, nos levantamos agora. Para, espero, um debate amplo e honesto. É preciso que o Brasil amadureça, e eleve o nível de seus debates, sem demagogia e fisiologismo.

Uma voz em tempos nebulosos

Daniel Teixeira
Antropólogo

Bom, pra começar, creio que este seja um momento nebuloso, e talvez impróprio para as reflexões e propostas que lançarei aos ventos. Mas estou disposto a correr esse risco, se isso puder propiciar boas críticas e novas construções. Trata-se de um ensaio escrito no calor dos acontecimentos, elaborado na dinâmica da reflexão que está em curso no Brasil, e aberto à interlocução.

Escrevo do Rio de Janeiro, ainda abalado com os recentes acontecimentos, e com uma incerteza como a que parece tomar conta do movimento desenvolvido nas últimas semanas, que já se torna difícil de nomear. É certo que já não se trata de um movimento contra o aumento das passagens – os famosos 0,20 centavos –, esse foi o estopim para a expressão de uma revolta muito maior. É certo também que já não se trata de um movimento de jovens da “classe média”, formado por militantes de partidos de esquerda e estudantes universitários (atores que o iniciaram, e que enfrentaram fortes repressões policiais e midiáticas, em manifestações com poucos milhares de participantes). Na minha opinião, trata-se agora de algo muito mais grandioso: é a expressão crua e generalizada de uma revolta contida e acumulada por diferentes setores da população. Revolta pela corrupção, pelos gastos excessivos com a copa, pela desigualdade social, pelas remoções, enfim, pelos mais diversos motivos e pautas, tão diferentes quanto são agora os perfis dos manifestantes.

Não sei bem falar de números, e sei que o que vi durante a última manifestação (20/06) não é mais que uma pequena amostra daquilo que ela realmente foi, em seus bem mais de 300.000 participantes. Mesmo em minha pequena amostragem, contudo, posso dizer que o que percebi foi uma grande mudança no perfil da manifestação, uma acentuação da diversidade. Aquele perfil “jovem estudante universitário politizado” já não era mais evidente. Suas palavras de ordem foram abafadas por carros de som potentes e suas bandeiras vermelhas chegaram a ser hostilizadas, inicialmente com palavras e gritos de ordem autoritários de “sem partido!”, e logo agredidas diretamente, numa imensa briga interna contra os “vermelhos”, que não terminou mesmo quando todas as bandeiras estavam ou abaixadas e escondidas ou queimadas.

Destacava-se, em meio à evidente diversidade, um grupo “global” que se comportava como se estivesse em uma grande micareta, ou em um imenso bloco de carnaval. Dentre esses, era lugar comum as camisas brancas e as pinturas em verde e amarelo, além das bandeiras nacionais. Em seu repertório, mostravam-se extremamente nacionalistas, repetindo incansavelmente o hino nacional e o hino patriótico (“sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor”) nos raros momentos em que não gritavam “sem violência” e “sem vandalismo”.

Para um olhar pouco atento, esse perfil (ou algo próximo dele) parecia constituir a “grande maioria” dos manifestantes, a própria personificação (em um discurso típico propagado pela esquerda) do “gigante” recém-acordado, que se mostra cada vez mais nacionalista e conservador. Penso, ao contrário, que “maioria” seja um conceito vazio – que na “maioria” das vezes nos diz muito pouco. Na realidade, estou longe de conseguir distinguir os tão diversos grupos e perfis presentes nas manifestações, e mais longe ainda de aceitar as polaridades ideológicas duais e maniqueístas (“esquerda” x “direita”; “pacíficos” x “vândalos”), tantas vezes acionadas em diferentes retóricas “esclarecedoras”. Não as vejo, nenhuma delas, enquadrarem-se com o que tenho visto nas ruas. O que vi foi uma grande diversidade entre os próprios “vândalos” e entre os “pacíficos”; vi a “esquerda” organizada ser violentada pela multidão “pacífica”, e vi “vândalos” sendo tratados como heróis pela multidão apavorada com a intensidade da repressão.

Outro perfil que me chamou a atenção foi de um tipo difuso, formado, creio, por jovens pobres da periferia e de diferentes favelas e comunidades do Rio. Vestiam roupas simples, em geral bermudas e camisas de manga, e muitos usavam chinelos como calçados, além de máscaras improvisadas com camisas. Alguns desses pareciam se organizar em “bondes”, sempre movimentando-se ao longo da manifestação, em serpenteantes “trenzinhos”. Destes, muitos engajaram-se em combate aberto com os policiais, em corajosa defesa contra a sua ação truculenta.

Quero falar dessas pessoas, que nunca foram tratadas como cidadãos pelo Estado e pela Polícia Militar, e de quem agora se cobra civilidade. Injustamente, cobra-se delas a cidadania que lhes foi negada, e mais uma vez elas são classificadas como “marginais”, “vândalos” e “arruaceiros” – e até quando vamos continuar deixando isso acontecer? Muitas delas vieram às ruas para protestar pela primeira vez, e não deve causar espanto que não tenham um repertório político “pacífico” de reivindicações, quando nunca foram tratadas de forma pacífica mesmo em suas próprias casas. Também não se deve cair no erro de supor que os manifestantes classificados como

“vândalos” agiram baseados em um puro instinto destrutivo, sem o uso da razão. Em suas gramáticas, creio, num contexto de guerra generalizada em que os policiais combatiam indiscriminadamente à todos os manifestantes, fez todo sentido montar barricadas e atirar pedras de volta naqueles que lhes atiraram durante anos com balas de verdade, e que agora atiravam centenas de bombas e tiros de borracha; em suas gramáticas, naquele contexto, fez todo sentido quebrar os bancos que até hoje lhes cobram os juros abusivos de um pequeno empréstimo feito há anos. Nos casos mais extremos, fez sentido saquear lojas, quebrar os pontos de ônibus e os sinais de trânsito, e para alguns chegou a fazer sentido ajudar a queimar as bandeiras dos partidos políticos. Não fez sentido em nenhuma de suas gramáticas depredar hospitais e escolas que estiveram em seu caminho.

Em resposta e adaptação da pergunta título do instigante artigo de Chakravorty Spivak “Can Subaltern Speak?” (podem falar os subalternos?) . Creio que neste momento eles estejam falando, e não falam de flores os subalternos. Como antropólogo, tenho buscado estar atento aos significados simbólicos das ações dos manifestantes, desenroladas ao longo das quase sempre violentas manifestações no Rio. Creio que a depredação dos bancos possui um significado simbólico que extravasa a raiva individual dos manifestantes envolvidos nessas ações. Acho mesmo que poderia ser entendida como uma forma (prática, não necessariamente teorizada) de expressão de uma insatisfação social com todo um sistema tributário e bancário, baseado nos interesses de grandes capitais privados. Da mesma forma, a depredação dos sinais de trânsito e dos pontos de ônibus poderiam ser vistas como uma forma de expressar uma insatisfação geral com uma ordem que serve a poucos, e respectivamente com o ineficiente e elitista sistema de transporte público carioca. Não se deve esquecer, ademais, que todas essas ações de “vandalismo” do 20/06 ocorreram em meio a uma verdadeira guerra urbana, em que os manifestantes se viram impotentes diante de centenas de policiais da choque (com suas impenetráveis paredes de escudos e inesgotáveis bombas de gás e balas de borracha), destacamentos da cavalaria e pelo menos três(!) veículos blindados. Este é de fato meu último ponto sobre essa questão: não se pode compreender o fenômeno do (assim classificado, sobretudo, pela mídia brasileira) “vandalismo” sem levar em conta a ação policial violenta nas manifestações; o gatilho do vandalismo, quase sempre, é acionado pela polícia.

A questão das bandeiras não é menos complexa: é certo que as ações de extrema agressividade contra os militantes dos partidos iniciou-se e foi incentivada por perigosos grupos de skinheads e fascistas, alguns deles chegando a ostentar tatuagens

da suástica. Devo deixar clara aqui minha posição de que não aprovo nenhum desses atos de violência praticados contra os próprios manifestantes.

No entanto, antes de começarem as hostilidades físicas, devo dizer que percebi – como nos protestos anteriores – a expressão do que me pareceu ser uma grande quantidade de pessoas se manifestando contra as bandeiras dos partidos. Sobre isso, creio que seja um sintoma de um longo e complexo processo de crise e esgotamento da lógica da representação. Até hoje, é operante uma lógica desse tipo que divide os cidadãos entre uma pequena minoria que tem o poder de representar e uma imensa maioria que tem não mais que o poder de ser representada. Sou da opinião de que essa lógica está em cheque nessas manifestações, e que muitas pessoas que estão nas ruas têm em comum uma vontade de não serem mais representadas. Sou da opinião de que o conjunto das ações dos manifestantes expressam uma crítica (por vezes inflamada, sem fundamentos, e quase sempre não teorizada) de uma lógica e de um sistema de representatividade.

Mas para onde pode nos levar essa crise da representação? Se assumíssemos a remota possibilidade de que o que estou a dizer pode fazer algum sentido, essa seria uma pergunta difícil de responder, e creio que deveríamos começar por lembrar que se trata de um longo e complexo processo em andamento, e seria improvável que se definisse nas próximas semanas (como bradam os mais alarmados). Ir mais adiante na resposta me levaria a um reino de conjecturas do qual venho tentando escapar. Deterei-me ao invés disso em dois de muitos caminhos possíveis, buscando sobretudo apontar o caminho que não devemos trilhar.

1) O primeiro caminho, para mim, é o caminho perigoso; é o caminho defendido por setores mais violentos da Polícia Militar e pelos fascistas que incitaram a violência contra os manifestantes partidários; é o caminho que leva ao autoritarismo e ao preconceito. Entendo a motivação de muitos em vestir o branco e mostrar o amor pela sua nação, mas cabe evitar a ingenuidade nesses momentos: aos defensores desse caminho é interessante, simbolicamente, que sejamos ultranacionalistas e que nos vistamos todos de branco, pintados de verde e amarelo; é interessante para eles que cantemos o hino nacional e patriótico, e que nos comportemos como uma enorme massa organizada e pacífica; é por fim interessante, para os defensores desse caminho, a poda da diversidade e a propagação de um senso de unidade (para o qual o nacionalismo ufanista serve bem de pano de fundo, especialmente em tempos de copa e de bom futebol brasileiro em campo) que não existe na prática.

2) A opção ao primeiro caminho, e a que pretendo defender, é a opção pela auto-representação. É a opção pela defesa da diversidade e da pluralidade de pessoas, cores, crenças e ideologias nas manifestações, e do direito de cada pessoa de representar a si próprio, fazendo valer sua vontade e sua voz nas ruas – o que será um ato de cidadania enquanto respeitar vozes e vontades diversas. A crise da representação, nesse caso, nos possibilitaria perceber que a democracia em que vivemos (a democracia representativa) tem muito pouco de democrática; e que a a cidadania que estamos costumados a exercer (nas urnas) tem muito pouco de cidadã. Talvez já tenhamos mesmo começado a perceber isso, o fato é que já estamos nas ruas.

Preocupemo-nos menos, nesse momento, em apontar dedos e em criar dois lados em uma manifestação que é antes de tudo plurifacetada. Preocupemo-nos menos com a definição correta de “cozinha”. O que ficará disso tudo não são os vinte centavos a menos, e tampouco as polarizações ideológicas. Ficarão ao contrário a lição de que a verdadeira política se faz nas ruas, e não entre quatro paredes, a portas fechadas; ficará a lição de que a verdadeira cidadania se exerce nas praças, e não nas urnas; ficará a lembrança de que o povo é forte e perigoso.

De resto, penso que a beleza do movimento está em sua pluralidade, e que sua efetividade política está na diversidade de estratégias de ação. É mesmo algo bem mais complexo e grandioso do que supõem as divisões simplistas entre “pacíficos” e “vândalos” ou “direitistas” e “esquerdistas”, ou ainda, símbolos maiores do moralismo: bonzinhos e malvados.